

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

## PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO — ANNO 50 (NUMEROS) 1\$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.  
 FORA DE AVEIRO — ANNO (50 NUMEROS) 1\$125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.  
 BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL., 2\$000 RS.

## PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

## PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.  
 NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.  
 NUMERO AVULSO 20 RS., C.º 100 RS. NO BRAZIL.  
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

## Aveiro

### O CLERICALISMO

Campeão das Provincias n.º 919 de 17 de abril de 1861: (1)

«Ha por ahí tanto Lazaro que se decora com a paifeita do jogral, e com o roupão de guizos, a fim de cobrir as ulceras do corpo que não nos admira que prefiram a mascara a discussão leal em campo aberto.

O sr. José Estevão pode alardear grande popularidade, mas se quizer triunfar ha de dobrar o joelho diante dos amigos do governo. Não se pagam grandes serviços com actos d'ingratidão, ou quando assim se procede não é impunemente que isso acontece. O povo está cansado de tantas promessas malogradas, de tanto sacrificio inutil. Olha para o passado e não vê senão quem procura engrandecer-se, sem curar dos interesses do paiz.»

Não ha infamia igual! Que grandes serviços prestou essa gente, que nos governa hoje, ao eminente orador da liberdade? Quaes foram os actos d'ingratidão de José Estevão, que votou á sua patria o mais acrisolado amor de que ha memoria entre nós? Como foi que o grande filho d'esta terra se procurou engrandecer sem curar dos interesses do paiz, elle, que sacrificou a sua vida, as suas tranquillidades, os seus gosos, por todas as causas da patria e da humanidade? Elle, que teve sempre a sua palavra grandiosa e brilhantissima ao serviço da liberdade e da civilização? Elle, que sendo um dos maiores, ou o maior cidadão d'este paiz, morreu sem um emprego official, que não pôde entrar em tal cathedra a sua cadeira de professor, ganha em concurso publico e solemne, sem uma prebenda, sem uma pasta de ministro, sem nenhuma recompensa dos altos poderes do estado?

Povo, ninguem se honra sem honrar primeiro os seus. Já hoje é sabido em todo o paiz que os que insultam na cidade do Aveiro a memoria do maior orador do mundo depois da revolução, são os mesmos que em vida o cobriram de calumnias, injurias e affrontas. Sabe-se tambem que os nobres aveirenses protestam contra essa grande infamia. Mas é preciso que o protesto seja em proporção do attentado. É necessario que seja enorme, que seja decisivo, que tenha a força indispensavel para lavar a nodoa que se pretende lançar no nosso nome. D'outra forma será indelevel e eterna a vergonha da cidade de Aveiro, que, depois de ter derrotado na urna um brilhantissimo espirito, um grandissimo caracter, um enormissimo talento, que seria a gloria de todas as terras e de todos os paizes em que nascesse, que, depois de deixar

impunes os insultadores e os calumniadores d'um nome de tamanha grandeza e tão puro, consentir que se cuspan e repudiem as cinzas venerandas que foram entregues ao nosso respeito, ao nosso zelo, á nossa adoração.

Pois quê? Terá morrido o espirito d'independencia entre nós? Não serão os mesmos estes homens altivos d'outras eras, e estas mulheres gentilissimas que se tornavam o encanto e a alegria dos extranhos? Terá morrido esta raça forte e poderosa, que creou no seu seio José Estevão, Mendes Leite e tantos outros? Será tamanha a nossa decadencia que hajamos descido a receber bofetadas e insultos d'um prior da Vera Cruz, d'um Vilhena e de toda a sucia jesuitica que os inspira e que os manda? Não, que só de me lembrar de tal trem-me o braço com que escrevo estas linhas. Não, que sinto o rubor da indignação subir-me ao rosto. Não, amigos, companheiros, conterraneos todos, que eu sinto em mim o fogo, a rijeza, a independencia que todos vós sentis, os caracteristicos d'esta raça boa, forte, generosa, que nos deu a vida, que nos deu o sér. Não, que os nossos braços são valentes para em ultimo caso recorrer-mos á força a fim de fazermos respeitar as nossas glorias, as nossas tradições, o nome puro de José Estevão, que é respeitarmos e honrarmos-nos a nós proprios. Na cidade de Aveiro não pôde haver sem deshonra e sem enorme vilipendio e sem vergonha eterna uma irmã da caridade. Nesse ponto está d'accordo a grande maioria dos nossos conterraneos. Então, ávante e havemos de vencer. Ou pela lei, que está do nosso lado, ou pela força se para ella nos levarem. Que quem se collocou primeiro no campo da violencia e da illegalidade foram os mesarios da Santa Casa da Misericordia.

Continuemos com as excavações honrosas.

Campeão das Provincias n.º 923 de 1 de maio de 1861:

«Não valeram ao sr. José Estevão as denuncias forjadas atraz da porta, as intimações feitas em termos peyoratorios aos agentes do partido governamental, nem as prodigalidades que assignalavam a passagem da luzida comitiva de tão nobres e decididos patriotas. O novo Fabricio desesperava ao ver que os seus ardis não surtiam o desejado effeito. A bomba rebentava no ar, sem que os estilhaços ferissem, sequer, os mais descuidados ou os mais ociosos. E todos se riam das rajadas d'indignação, que soltava o novo Boreas na sua carreira de tormentos.

Empregou-se o dinheiro, o suborno, a coacção, a mentira e o escandalo; e a opposição só poude alcançar no fim de quasi cinco mezes de correrias perenes, pois começaram em dezembro, 20 votos a favor. É bastante significativa a eleição

das tres assembleias d'Aveiro. Em nenhuma d'ellas o sr. José Estevão alcançou maioria. A da cidade repelliu-o por 216 votos! So 137 electores o acharam digno da sua confiança e sympathias! Aquil, onde sua ex.ª pretende fazer ver a sua influencia e preponderancia, ninguem mais se lembrou do seu nome.

Não ha exemplo de tamanha derrota. Não basta ter um nome, nem ser decorado com as pompas da eloquencia da tribuna. O povo não se deixa illudir com os ornatos da palavra fallada. O povo quer respeito e considerações e é digno d'elles.

No concelho d'Aveiro o sr. José Estevam ficou em significativa minoria. A auctoridade não excedeu os poderes que lhe conferiu a lei eleitoral. O seu mandato cumpriu-o fielmente. Não ameaçou, foi ameaçada. E devemos comtudo dizer que a opposição não esteve só em campo n'este certame eleitoral. Empregados publicos de todas as categorias a coadjuvaram, trabalhando activa e energeticamente. O sr. vigario geral d'este bispado appareceu em campo, arrastando as gualdrapas na lama das praças, e descendo até aos lupanares para ahí recrutar electores. E apesar de todas estas trices, indí nas mesmo d'um sacerdote qualquer, o sr. José Estevão só teve no concelho d'Aveiro 444 votos, enquanto o sr. Manuel Firmino alcançou 814!

Vamos agora a Ilhavo, onde a opposição venceu a eleição apenas por um voto.

O sr. vigario geral da dioceze é prior d'Ilhavo, e o sr. Bilhano excedeu na sua freguezia todas as raias da decencia, abalancando-se aos mais rudes e reprehensiveis cometimentos. Se em Aveiro a sua desfaçalez tornou surprezo o clero que sabe prezar a sua dignidade, em Ilhavo o desaforo não teve limites, mostrando s. ex.ª quanto valia, e o que se pode esperar de tão assignalado varão.

A' Vist'Alegre e ao sr. vigario geral da dioceze deve o sr. José Estevão o voto de maioria que alcançou em Ilhavo, bem como ao dinheiro que fez espalhar por os seus agentes, que se diziam abonados para comprar todos os votos, e todos os influentes. Em Vagos o reverendo prior não se poupou a esforços, e obteve que muitos electores fossem á urna, o que os amigos do sr. José Estevam não conseguiriam se por ventura não recorressem áquelle ecclesiastico. Por outro lado o sr. José Estevão depositou nas mãos do sub-delegado de Vagos uma denuncia assignada por s. ex.ª contra alguns influentes por trabalharem pura e simplesmente contra o seu nome! A impertinencia desceu até á indignidade! O Mirabeau, como alguém o designa, rebaf-xou-se até ao papel de Fabricio! O orador fez-se denunciante!

Ahi está deputado o sr. José Estevam Coelho de Magalhães

apenas por uma maioria de 20 votos. S. ex.ª não é o representante d'Aveiro, que o repelliu de si? O triunfo custou muita baixesa, muita abjecção!»

Este artigo era escripto depois das eleições de 28 de abril de 1861. Por varias vezes os governos reaccionarios e devassos tinham pretendido annullar a candidatura de José Estevão por Aveiro. Mas sempre lhes tinha sido impossivel, por não encontrarem com facilidade antagonista que se atrevesse a disputar na urna os suffragios do grande orador, e auctoridades que se prestassem a auxilia-los e servi-los. Sim; note-se este facto, que é curioso:— os proprios administradores do concelho e governadores civis pediam a demissão para não terem de trabalhar contra a candidatura do eloquente tribuno da democracia. Houve d'isso exemplos notaveis.

N'essa epocha, porém, 1861, mudaram as coisas de figura. Debatiam-se então graves problemas liberaes n'este paiz. A reacção erguia o collo altiva. O jesuitismo invadia Portugal. As irmãs da caridade assentavam arraiaes entre nós. E a voz potente de José Estevão era a espada formidavel suspensa sobre a cabeça do clericalismo atrevido e canalha.

Como calar essa voz? Como affastar do parlamento o gigante da tribuna? Como inutilisar o brilhante orador da liberdade?

O governo redobrou d'esforços. E, com profunda máguia o dizemos, onde governadores civis e administradores do concelho, alias estranhos á cidade, preferiam depôr o seu mandato a trabalhar contra José Estevão, encontrou-se um aveirense que se prestou ao papel negro e vil que a reacção ambicionava. Foi o sr. Manuel Firmino d'Almeida Maia, que ficou, desde esse dia, como o synbolo da deshonra e da vergonha d'esta terra. O sr. Manuel Firmino, auxiliado pelo sr. José Eduardo d'Almeida Vilhena!

O sr. Vilhena ainda dois annos antes, é certo, combatia vivamente as irmãs da caridade. Mas que importava isso? Quando teve convicções essa gente que ahí está?

Guerra sem treguas, guerra a mais feia e a mais repugnante que se possa imaginar, moveram esses dois homens ao famoso tribuna liberal. E, infelizmente, acharam echo e apoio na cidade. Porque, correndo o escrutinio, José Estevão obteve na sua terra natal 137 votos simplesmente. E Manuel Firmino d'Almeida Maia, um insignificante, quasi um analfabeto, 383! Se não fóra um sacerdote illustrado, o actual sr. arcebispo d'Evora, que se negou aos manejos infames do clericalismo, o maior orador do mundo n'este seculo ficaria sem logar no parlamento portuguez. E a historia patria, e a litteratura, e a eloquencia nacional sem essas joias primorosas que se chamam os discursos sobre — As Irmãs da Caridade, Esquias do Conde Cavour e Liberdade de Ensino.

A cidade de Aveiro polluiu-se d'essa forma na historia.

Porém, hoje procurava até certo ponto rehabilitar-se com a apothese que vae fazer do seu filho mais illustre. E é hoje exactamente que os mesmos srs. Manuel Firmino d'Almeida Maia e José Eduardo d'Almeida Vilhena, servos do clericalismo a que se manietaram, veem tornar vã e illusoria essa rehabilitação, lançando um sarcasmo e um escarro na festa de José Estevão.

Polluir-se-ha duas vezes a nossa terra? É possivel, mas ainda não o acreditamos. É possivel, e os factos são em si tão fulminantes e tão eloquentes que acnamos já indigno de nós e do publico aveirense, que nos lê, novos incitamentos e appellos. Isso que ahí fica diz tudo. É possivel. E então nem diremos á historia:—*Compadecete do nome d'este povo!* Porque só lhe fica aberta a valla malcheirosa e desprezível dos cães lazarentos e vadios.

Continuaremos.

## ESSA AGORA!

Com o titulo — *Sempre Bom Homem*—lêmos isto, com o maior espanto, no nosso estimado collega *A Sentinella da Fronteira*:

«O irresponsavel é o coacto do *Seculo*, no dizer de meia duzia de farricócos radicaes, traz agora entre dentes uma outra brejeirice. Quê é proclamar aos quatro ventos, pela voz avinhada da sucia que o cêrca, que o nosso illustre collega *Povo de Aveiro*, depois de lhe ter desfeito a muros a carcassa, ainda lhe quer sugar a bolsa, citando-o como seu proprietario a pagar-lhe uma quantia que lhe deve. E d'aqui pretendem os mandrins da côrte da rua Formosa tirar mil commentarios desfavoraveis para o symphatico periodico de Aveiro.

Ora as coisas passaram-se simplesmente d'esta forma.

A empresa do *Povo de Aveiro* era constituída por dez individuos, proprietarios d'essa folha, com escriptura publica e legal, havendo, d'entre elles, sido nomeados tres administradores. O sr. Magalhães Lima não só era um d'esses proprietarios, como foi um dos iniciadores da empresa, em que entrou, por conseguinte, muito livremente, muito voluntariamente e de muito agrado.

Um dia o redactor principal do *Povo de Aveiro* entendeu que era tempo d'esmagar um insignificante sem fé, sem principios e sem caracter, que estava comprometendo a valer a causa democratica, e tosou n'esse sentido o sr. Magalhães Lima. Este escreveu aos administradores d'aquella folha, pedindo-lhes que não consentissem artigos d'aquella natureza, do contrario teria elle de abandonar a empresa. Os administradores responderam-lhe que achavam, realmente, correcto e regular que sáisse da empresa,

(1) Orthographia do original.

elle em outro qualquer que não estivesse d'accordo com a conducta politica do Povo de Aveiro. Que elles, administradores, estavam de perfeito accordo, por enquanto, como o estava a maioria dos proprietarios, e que n'esse caso o periodico seguiria serenamente o seu caminho.

Quer dizer, despediam por esta forma muito terminantemente o sr. Magalhães Lima de proprietario do Povo de Aveiro. E qualquer homem digno sairia logo, pedindo contas até áquelle momento. Pois o sr. Magalhães Lima ficou-se, sem responder uma unica palavra! Digno e honesto até alli.

Mais tarde um incendio pavoroso destruiu as officinas do Povo de Aveiro. Reunido-se os seus proprietarios resolveram continuar com a publicação. E de novo os administradores escreveram ao sr. Magalhães Lima, dizendo-lhe pouco mais ou menos isto:

«Vessê ainda não liquidou contas. Quer ou não sair definitivamente? Olhe que enquanto não romper a escriptura é considerado proprietario para todos os effeitos.»

O sr. Magalhães Lima não respondeu. Foi preciso que o proprio redactor d'aquelle periodico lhe escrevesse d'Elvas duas cartas—e pôde muito bem ser que essa correspondencia venha a ser publicada para fulminar de vez aquelle triste heroe de republica barata—para que o director do Seculo pedisse contas, declarando que não queria continuar fazendo parte da empresa.

Mandaram-se-lhe as contas na volta do correio, com uma cópia da escriptura. Era de quatro mil e tantos réis o deficit que cabia ao sr. Magalhães Lima, fóra a parte que lhe pertencia em material, prelo, typos, etc., e que tinha de ser liquidada segundo as condições da escriptura. O sr. Magalhães Lima remetteu os quatro mil e tanto sem mais uma palavra. Vá-se vendo o que é o caracter d'este homem!

Os administradores replicaram logo que os quatro mil e tanto era o menos. Que isso nada resolvia, sem que legalmente o sr. Magalhães Lima liquidasse a sua parte como proprietario. Que esses quatro mil e tanto eram de perdas, que todos tinham de pagar sem que por isso deixassem de ser proprietarios, e na fórma do costume o loiro tribuno não respondeu coisa alguma.

Passaram mezes e os administradores, já muito azedados, escreveram ao sr. Magalhães Lima que só por baixeza e por falta de dignidade comprehendiam o seu procedimento. O director do Seculo não respondeu ainda, mas mandou então pedir a um cavalleiro d'Aveiro, muito conhecido no paiz, o sr. Carlos de Faria e Mello, que se entendesse para a sua liquidação com o Povo de Aveiro com os administradores d'esta folha. O sr. Carlos Faria assim o fez, mandando uma nova conta e uma outra cópia da escriptura ao sr. Magalhães Lima.

Mas, illustre patriota e honrado cidadão, este continuou no seu systema, o systema de todos os miseros de caracter:—nem uma palavra respondeu, quer ao sr. Carlos Faria, quer aos administradores. Foi então que estes, com bastante nojo e repugnancia de tal homem, nunca mais disseram nada ao povo da Republica, ao bom homem da rua Formosa, ao Messias da democracia portugueza. Até que morreu um dos administradores e um dos proprietarios do Povo de Aveiro, o malgrado Antonio Mourão, de quem já aqui fallámos, e a sociedade ficou dissolvida por lei. O nosso amigo, o sr. Manuel Homem de Carvalho Christo, de novo, e pela ultima vez, escreveu ao sr. Magalhães Lima, participando-lhe esse facto, da dissolução, já que pela sua falta de brio nunca quizera deixar de ser proprietario d'um periodico, com que não devia ter nada de commum, acrescentando que se não quizesse á

hoamente liquidar agora as suas contas com o Povo de Aveiro, seria citado judicialmente como responsavel por ellas até ao ultimo momento. O mesmo:—o sr. Magalhães Lima não respondeu nem uma palavra, e por conseguinte foi citado! Perfeitamente logico e correcto.

Ora é d'essa citação que o director do Seculo fez cavallo de batalha para pretender enodoar o semanario aveirense, como se a conducta d'este valente da democracia não tivesse sido dignissima e a d'elle torpe, baixa e indecente. E' assim aquelle caracter. Em publico não diz uma palavra. Em particular desfigura todos os factos para, á sombra da sua irresponsabilidade, ir minando e babando as reputações mais honestas e mais sãs! Pois é em publico que nós queremos o ajuste de contas e por isso trouxemos o assumpto para aqui. Na certeza de que ficará agora provado se já o não está, que nunca o Povo de Aveiro disse ao sr. Magalhães Lima o que elle não merecesse e não requeresse.

Provem o contrario, se podem.»

Essa agora! Que o sr. Magalhães Lima era um bandalhetesito já o sabia todo o mundo. Mas tanto!...

As coisas passaram-se exactamente como as conta A Sentinella da Fronteira. O Povo de Aveiro é d'aquelles jornaes que não se prendem com um ou dois proprietarios, ou com meia duzia d'assignantes. Segue invariavelmente a linha que um dia se traçou, sem olhar para traz nem para os lados. Quem quizer estar, esteja. Quem não quizer que se vá embora, que está no seu plenissimo direito. Alguem ha de ficar. E quem ficar lutará até onde poder.

Obedecendo a esse principio não poupámos um dia o sr. Magalhães Lima, quando vimos como esse homem era funesto á causa democratica. O director do Seculo mostrou-se maguado e escreveu-nos que não era compativel com este semanario se continuassemos os nossos artigos de censura. Immediatamente lhe respondemos: «Pois de accordo. Saia você se quer sahir.»

O sr. Magalhães Lima não saiu. O sr. Magalhães Lima ficou, na esperança de não largar uns miseros vintens, que pela escriptura devia entregar. O que prova isso? Simplesmente que é duas vezes indigno e duas vezes miseravel. Nada mais, nada menos. E se tivesse vergonha calava-se; não dizia uma palavra.

Ficou, por conseguinte. Quando ardeu o Povo de Aveiro escreveram-lhe os administradores d'este jornal. Elle não respondeu. Escreveu-lhe d'Elvas duas cartas um dos nossos redactores, que conservava ainda umas certas relações com elle. Eis a ultima d'essas cartas:

«Não se dignou responder a meu irmão. Hoje nem isso lhe peço, porque, sejâmos francos, em negocios industriaes a que o amigo está ligado, os seus interesses é que o hão de fazer andar. Os seus interesses e a sua dignidade, porque, creio bem, é incapaz de prejudicar os outros com o seu silencio e o seu silencio prejudica-nos, porque não nos deixa livres nem desembaraçados para proceder. Diga, pois, se sim ou não quer continuar a pertencer á empresa do Povo de Aveiro. Se não quizer terá de pagar a sua parte, segundo as obrigações da escriptura, na importância de 10 libras. Faça o que entender, mas deve-nos avisar.»

Elvas 25 de novembro de 1884.

O sr. Magalhães Lima resolveu-se a responder na carta que se segue:

«Amigo e sr. Manuel Christo. —As circumstancias especiaes em que me encontro hoje não me

permitem envolver-me em mais empresas jornalisticas alem do Seculo. Por isso lhe peço me diga quanto devo a essa empresa e se me permitem o pagamento em prestações.»

Lisboa 28 de novembro de 1884.

Portanto, o nosso heroe estava perfeitamente elucidado e o negocio resolvido. Pagava o que lhe competia pelas escripturas e sabia. E tanto não ignorava o que havia de pagar, que até pedia para lhe receberem o pagamento em prestações.

Mandaram-se-lhe as contas. E o que fez elle? Durante mais d'um anno não respondeu! E só depois de voltarmos a aperta-lo é que se sahio com esta brejeirice:

«Sr. administrador do Povo de Aveiro.—Remetto hoje 48870 réis, que é o que me cabe, segundo creio, nos prejuizos do jornal.»

Lisboa 16 de fevereiro de 1886.

Ora veja-se o tratante! Disse-ram-lhe que, além das perdas, tinha de pagar 10 libras em cumprimento das obrigações que, consciente e livremente, havia contrahido. Elle responde a essa carta perguntando se lhe aceitavam o pagamento em prestações. E passado mais d'um anno finge limitar as suas contas a 48870 réis. Que sação ordinari-simo!

Um dos nossos administradores replicou-lhe logo:

«Recebi a carta de v. ex.ª de 16 do passado mez de fevereiro e um vale do correio na importância de 48870 réis.»

Onso julgar que os documentos que lhe enviei sobre a propriedade do Povo de Aveiro eram susceptiveis de o elucidar de todo a tal respeito. Como lhe disse meu irmão Francisco em carta que lhe escreveu no acto da escriptura d'aquella propriedade, em agosto de 1883, e como v. ex.ª bem deveria ver pela cópia da escriptura que lhe enviei, cada proprietario comprometten-se não só a pagar a parte que lhe coubesse na totalidade das despezas que occoresserem, mas a parte equitativa do capital que por todos era distribuido no acto da referida escriptura se um dia quizesse abandonar a empresa. Entretanto v. ex.ª, em resposta á carta ultima que tive a honra de lhe enviar, remetteu simplesmente 48870 réis, que representam apenas a parte que lhe coube nas perdas da empresa até novembro de 84, em que v. ex.ª nos participou que desejava deixar de fazer parte da empresa. Resta a parte do capital, a que v. ex.ª se sujeitou como todos nós nos sujeitámos e que satisfará aliaz quando quizer ou como quizer. Com a differença, porém, de que se v. ex.ª não quizer desde já liquidar esse negocio ficará sujeito judicialmente no futuro a todos os encargos da empresa até á liquidação final.

Aveiro 5 de março de 1886.

Manuel Homem de C. Christo.»

Ha nada mais digno e mais positivo? Pois o misero da rua Formosa não deu troco, até hoje! Emfim, quando morreu Antonio Mourão ainda lhe foi remetteda a carta que se segue:

«Suppoz sempre que v. ex.ª não podia dignamente continuar a fazer parte da empresa do Povo de Aveiro. Não obstante, apesar de v. ex.ª ter parecido tambem assim julga-lo n'um instante, até hoje ainda não liquidou as suas responsabilidades que tem com o jornal que eu dirijo. Pois não foi á falta d'informações, nem d'esclarecimentos, que lh'os dei todos. Hoje só me resta dizer-lhe o seguinte:

No dia 23 do corrente, ás 11 horas da manhã, e na casa da redacção do Povo de Aveiro reunem-se os proprietarios d'este jor-

nal. N'essa reunião levarei o cavalheirismo até propôr que se considere v. ex.ª não proprietario do Povo até hoje, não obstante dever ser considerado como tal porque não liquidou, mas até ao dia em que se despediu. Os proprietarios decidirão o que quizerem. E em todos os casos, se v. ex.ª não nomear quem o represente n'essa reunião, e não liquidar immediatamente, immediatamente eu procederei em juizo contra v. ex.ª»

Aveiro 19 de janeiro de 1888.

Manuel Homem de C. Christo.»

O sr. Magalhães Lima não respondeu, não nomeou representante, não fez caso nenhum. De fórma que se o procedimento do sr. Manuel Christo era profundamente cavalheirismo com a proposta a que se referia, seria servil e incorrecto o dos proprietarios aceitando-a. Que fazer, qual era o recurso que restava? O recurso que ha para todos os caloteiros e para todos os tratantes:—levar a questão aos tribunaes.

E' d'isso que se queixa o sr. Magalhães Lima? E' por isso que berra contra nós? Pois berre e torne a berrar. Que para toda a gente séria ficará, hoje mais do que nunca, como um homem sem caracter e sem brios.

Um bandalhetesito!

Adheriram á representação dos irmãos da Santa Casa contra as irmãs da caridade mais estes cavalheiros:

Pedro José Sarabando, Francisco Paes, Francisco Augusto Duarte, Francisco Ferreira da Maia, Ricardo da Maia Romão; a rogo de Manuel da Silva Palavra, Manuel Antonio de Abreu; José Antonio da Motta, Carlos da Silva Mello Guimarães, Joaquim José de Azevedo, João Maria Regalla; a rogo de Joaquim da Silva Palavra, Antonio da Costa Bacia; José Luiz Barbosa, Antonio dos Reis Santo Thyro, Miguel da Costa; a rogo de Francisco da Costa Piré, Antonio da Silva Pereira; a rogo de Antonio de Mattos, Antonio Maria Marques Villar; a rogo de Luiz de Mattos, Alvaro Porphyrio Ferreira; a rogo de Luiz da Silva Palavra, José Vieira Rato; a rogo de João Maria de Mattos, João Maria Moreira; Thomaz de Mattos Junior, Antonio Correia Loureiro; a rogo de José Rodrigues Novo, Luiz Benjamin; Francisco de Pinho Guedes Pinto, Joaquim Pedro de Brito Vidal; a rogo de José Ferreira Patacão, Joaquim Fontes Pereira de Mello; a rogo de José Simões Instrumento, Francisco Casimiro.

Será encerrada amanhã a subscrição. Ainda resta, pois, um dia ao resto dos irmãos, aos patriotas e liberaes que d'entre elles quizerem repellir o attentado do hospital e a vil affronta arremessada á terra de José Estevão. Saberemos distinguir, para honra da cidade, os que se calarem dos que protestarem altivamente.

### CARTA

Recebemos a seguinte, que commentaremos no numero immediato, mas para a qual, desde já, chamámos a atenção dos nossos governantes:

Sr. redactor do Povo de Aveiro.—Ha tempo as juntas de parochia de Oyã e Fermentellos requereram ao governo que mandasse abrir um ramal de estrada, que, partindo da estação do caminho de ferro de Oliveira do Bairro, fosse entroncar na estrada real n.º 43-A, de Oliveira a Tondella.

O governo attendendo á justiça do pedido mandou estudalo, e achou ser exacto o que se requeria, encurtando a distancia cerca de dois kilometros e poupanço de os transeuntes da ingreme subida da estação para a villa de Oliveira, e seguidamente da descida para a estrada real; ficando assim tambem beneficiado o commercio da villa de Agueda, que não é de somenos importancia. N'estas freguezias requerentes e demais povos visinhos todos esperavam com anciedade o começo dos trabalhos para a abertura

do ramal, que não deve custar muito em attenção ao pequeno valor dos terrenos a expropriar. Pois, sr. redactor, não se tornou a ouvir fallar do ramal. Imaginou-se primeiramente como causa a falta de dinheiro, mas agora vê-se que não, porque o governo vai mandar abrir uma grande rede de estradas novas, sendo algumas de menos importancia que o supradito ramal, que fica sepultado nas trevas do esquecimento.

Lembro-me por isso de pedir a V. o obsequio de lembrar no seu acreditado jornal a abertura do ramal, e de advogar a conveniencia da sua construcção para bem dos povos d'estes sitios, e nomeadamente das freguezias requerentes e da villa de Agueda.

Espera este favor um seu amigo e assignante do seu acreditado jornal.

Silveiro, 17-5-88. A.

## Carta de Lisboa

25 de Maio

Hoje havia farto assumpto para dois fartos commentarios. Mas a mim escasseia-me o tempo e ao Povo de Aveiro provavelmente escasseia-lhe o espaço. Limitemonos, então, a tocar em tudo levemente.

Depois dos ultimos tumultos na camara dos nossos deputados, o sr. João Arroyo, que os tinha provocado e que se viu exaucturado pelas satisfacções dadas no dia immediato pelo sr. Lopo Vaz, escreveu uma carta ao sr. Serpa Pimentel despedindo-se do partido regenerador, com a observação peremptoria de que aquella sua resolução seria irrevogavel.

Este caso serviu de thema de discussão e commentarios para dois dias e provocou uma alegria estrondosa nos republicanaceos, barjonaceos e amigos do governo, por se dizer que a sahida do sr. Arroyo seria o esphacelamento do grupo do sr. Serpa. E n'essas condições a consolidação do grupo barjonaceo e a tranquillidade do governo, que se via por algum tempo livre de adversarios inquietos e turbulentos que o incommodam a valer.

Deu principalmente nas vistas a attitude do Seculo. Este jornal serve secretamente a causa barjonacea ha muito tempo, como a servem os deputados republicanos. De fórma que foi o que atirou mais foguetorio e o que levantou mais vivas pela sahida do sr. Arroyo e pelo desmembramento do partido regenerador, levando a ostentação da sua alegria quasi até ao escandalo. Mas o sr. Arroyo não sahio; a sua resolução irrevogavel tornou-se revogavel; o desmembramento annunciado no partido regenerador não se deu; os barjonaceos continuaram a ficar em baixo; os republicanaceos tiveram de adiar a realisação das suas torpes ambições, e o foguetorio converteu-se em coriscos de desespero e raios de maldição. Foi ainda o Seculo o que se tornou mais saliente n'essa raiva concentrada e de modo que á primeira vista poderia illudir ingenuos. Mas em politica ha coisas que se mostram e coisas que se escondem. E quem não tiver habilidade para ver estas e comprehender aquellas anda sempre illudido e ás cegas. Os jornaes dissidentes republicanos, além d'outros serviços, prestam o de conservar o Seculo n'uma attitude medianamente decente na apparencia. Se não foram elles já o papel da rua Formosa terdado largas aos instinctos que o animam. Mas por isso mesmo que existem os dissidentes e que existem os instinctos, por isso mesmo a attitude do Seculo é mais hypocrita e mais falsa e portanto mais capaz d'illudir papalvos. Papalvos, porque quem veja um bocadinho não illudem elles, que são muito estupidos e inha-beis para tanto.

De fórma que quem ficou lo-grado com a resolução irrevoga-vel-revogavel do sr. Arroyo, fo-ram os deputados barjonecos-fuschinaceos - republicanaceos, que já não fazem propostas, nem moções, nem discursos, a as-signatura ou o apoio do ex-socia-lista Fuschini, e o seu órgão da rua Formosa.

De resto, tão ridícula foi a at-titude do sr. Arroyo como a dos seus correligionarios. Na terra dos cegos quem tem um olho é rei. O sr. Arroyo nunca teve vóos d'orador, nem de politico. Era um berrador com voz de falsete, aliaz figura importante n'esta phylar-monica desafiada do constitu-cionalismo. Nunca o tivemos n'ou-tra conta. E por isso, apesar de ser bom musico em casa, não nos surpreendeu nada a filia horripilante que soltou no clar-inete que lhe distribuiram na ban-da serpacea.

General de 27 annos como Bo-naparte, dizia o *Correio da Manhã* para augmentar o ridiculo do po-bre rapaz! Pois sim, mas general aos guinchos.

E' homem ao mar. Nunca mais se salva do desaire em que cahiu.

Falleceu o sr. Trigueiros de Martel. Sentimos esse aconteci-mento inesperado. Trigueiros de Martel era um jornalista melio-re, cabindo por vezes em con-tradições lamentaveis e erros visiveis. Não tinha vista, nem ca-pacidade politica. Mas particular-mente era cavalheiroso e digno, no que se afastava de quasi to-dos os dirigentes do partido re-publicano.

Arrastado pelos delirios da mocidade foi creando estragos no seu organismo e abrindo brechas na sua saude. Até que uma doen-ça cruel o precipitou em poucos mezes.

Que descança em paz.

E' uma vergonha, e signifi-cativo, o que se tem passado a proposito do julgamento do anar-chista Pinto. Ninguem lo quer de-fender! O sr. Thomaz Ribeiro of-fereceu-se para defender de graça o infame Marinho da Cruz. Of-ferecimentos d'essa ordem se estão fazendo para ali todos os dias a proposito de crimes repelentes e hediondos. E são esses os pud-icos que não querem defender um criminoso com circumstancias muito menos repugnantas que Marinho da Cruz e quejandos!

Attente-se n'isto. Que n'estas coizas é que se estudam as so-ciedades, isto é, a elevação moral e intellectual de cada povo.

Pelo nosso lado voltaremos ao assumpto.

O *Seculo* publicava na quar-ta feira um documento curiosis-simo, que é mais uma nota inte-ressante no nosso meio social e politico. Sabem o que? Uma car-ta do presidente da camara de Lisboa, em que o monarchico sr. Fernando Palha, que anda por ali a levantar vivas ao rei, dizia aos republicanos d'uma tal commis-são anti-jesuitica, que era mais democrata do que elles; que o seu programma era mais avan-çado que o dos faes, republicanos; que o seu objectivo não era a ex-pulsão dos jesuitas; que a sua aspiração ia mais longe e se re-sumia na separação da egreja do estado, na abolição da religião do estado, na suppressão do orçamento dos cultos, na escola obrigatoria para todo o cidadão portuguez e liberdade completa para todas as crencas e para todos os cultos que se sujeitarem ao regimen legal de inspecção do estado e ao cumpri-mento de leis, não de excepção mas geraes; e que por isso não podia fazer parte da commissão para que o convidavam, commissão or-ganizada e composta por republ-icanos na sua maioria.

Aquella é que é a verdadeira e pura doutrina democratica. Dou-trina que, a não ser o illustre tri-buno Manuel d'Arriaga, ninguem soube levantar n'um comicio anti-jesuitico que houve para ali. Doutrina de que não tem medo um monarchico, de origem nogue-lista, bemquisto no Paço, porque

a expõe abertamente na impren-sa, como a expoz já na camara dos pares, e de que se horrori-sam Consiglieris, Elias e Maga-lhães Liras, que fogem de a sus-tentar como o diabo da cruz. E tão tolo, o *Seculo*, que publica aquella carta, e em grandes letras os seus pontos principaes, sem reparar que para as consciencias lucidas matava o movimento iniciado por elle e pelos seus ami-gos. O movimento contra a reac-ção, aliaz sympathetic e altamen-te necessario, levou logo um golpe mortal com o comicio do Ra-to, onde os oradores pozeram pes-simamente a questão. A carta do sr. Fernando Palha, em que um monarchico se revela mais democ-rata e mais coherente que os re-publicanos, veio-lhe dar o pontapé final. E é assim tudo em que esta gente se mette e tudo que esta gente inicia.

Oxalá que eu me engane.

## Carta da Bairrada

Maio, 26.

Vão manir-se os viticultores do concelho da Mealhada com o fim de se ligarem, não só para a lucta anti-phyloxerica, como para resolverem entre si o melhor al-vitre que devem tomar para dar sahida aos vinhos da ultima col-heita, cuja apathia está sendo muito damnosa aos interesses dos proprietarios vincolas de toda a Bairrada.

Ha annos que sustentamos na imprensa a necessidade de se crear na Bairrada uma associação de viticultores, essencialmente protectora da industria local, que tem vivido á mercê da simples iniciativa de alguns individuos, mais inclinados a cuidar dos seus interesses privativos, do que a olhar para o bem geral da colle-ctividade.

Apostolos da ideia d'uma as-sociação que tivesse a fortuna de se tornar viavel no meio d'uma localidade que tanto tem prosperado á custa da cultura da vinha, e que hoje se vê a braços não só com a crise phyloxerica, como com a falta de sahida dos seus vinhos; inclinados desde ha annos, como o podem attestar as nossas cartas no *Povo de Aveiro*, á defeza em commum dos inter-esses de todos os vinhateiros d'esta região, nós consignámos com jubilo a noticia de que o concelho da Mealhada tomara a iniciativa, mil vezes louvavel, de convocar os viticultores da localidade para, em reunião publica, se discutirem resoluções e alv-ires tendentes porventura a es-tenderem na Bairrada esse laço de paz e solidariedade entre os agricultores que se chama a liga agraria.

## NOTICIARIO

O «Povo de Aveiro» ven-de-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

## EXPEDIENTE

Esta semana enviamos recibos para as seguintes localidades:

Lisboa, Lourinhã, Odemira, Mealhada e Mira.

Em Anadia principiou a pu-blicar-se um semanario litterario e noticioso, de que recebemos o primeiro numero. Intitula-se *Jornal de Anadia*.

Vamos retribuir a visita do novo collega, a quem desejamos uma vida duradoura.

Vae proceder-se á reconstruc-ção e alargamento da ponte da Cambeia e respectivas avenidas, para o que já baixou ordem do ministerio das obras publicas.

Principiam hoje á noute no jardim publico umas brilhantes serenatas, promovidas por a di-reccção da Associação de Soccor-os Mutuos das Classes Laborios-as. O passeio será profusamen-te illuminado a balões venezia-nos, tocando uma phylarmonica das 9 horas á meia noute.

O preço da entrada é de 40 réis.

Estas agradaveis diversões re-petir-se-hão nas noutes de 10 de junho e 1 e 29 de julho.

Hoje assiste a phylarmonica Amizade.

A junta de saude naval julgou incapaz do serviço o sr. capitão-tenente Manuel Luiz Mendes Leite, nosso estimado patricio.

Deve ser já conhecido de to-dos o escandalo que ha dias se deu no collegio reaccionario da Formiga. Os alumnos pediram a expulsão do prefeito, um padre devasso, immundissimo, que tem o asqueroso vicio a que a sciencia dá o nome de *invertido*, e, co-mo não fossem attendidos pelo director que é tio do safado so-taina e tão bom como elle, aban-donaram aquella casa jesuitica.

Tudo isto é espantoso e mos-tra como os antros reaccionarios não servem senão para bestialisar e corromper a mocidade, incutin-do-lhe os mais negros vicios.

Oh! como se vacie tornando cada vez mais necessaria a exter-minação d'esses covis jesuiticos, onde a maldita seita negra cons-pira a toda a hora contra a liber-dade e contra a patria!

E ha um governo n'este paiz que consente que funcionem uns taes institutos, com manifes-ta transgressão das leis em vigor! Traidores!

Ponhamo-nos alerta contra os roubadores da paz das familias, contra essa gente infame e cor-rompida, contra os negros filhos de Loyola!

No domingo passado, á entra-da de Ilhavo, foi atropellado um pobre homem de avançada idade por dois soldados de cavallaria 10, impedidos do sr. coronel do mesmo corpo, os quaes regressa-vam a esta cidade d'uma *romaria* de Vagos. O infeliz falleceu pou-co tempo depois do desastre.

Os dois soldados acham-se re-collhidos na cadeia.

Consta a um jornal que n'uma egreja de Lamego se especula actualment, com a annuancia do arcebispo de Larissa, com a ven-da d'uma medalha commemorativa d'um pretendido milagre!

Que corja!

O sr. Alexandre da Conceição, director das obras publicas do districto de Vizeu, encarregou o sr. engenheiro Henrique Ferreira Pinto Basto de elaborar o novo projecto da ponte de S. Geraldo, no rio Alfusqueiro, junto a Bol-fiar, na estrada real n.º 45 de Aveiro a Tondella.

O jesuitismo não descança na sua obra de levar o luto e a des-ordem ao seio das familias. Mais uma victima cahiu nas garras dos abutres negros, que se alastram por ali descaradamente.

Trata-se d'uma infeliz rapari-ga, filha de um honrado trabalha-dor, a quem os miseraveis fana-tisaram e arrastaram para um covil da seita. Conta a esse respeito o *Jornal da Manhã*:

«João da Costa, morador no logar do Sardão, freguezia de Oli-veira do Douro, do concelho de Villa Nova de Gaya, é de ha muito um dos mais honestos e labo-riosos trabalhadores dos grandes armazens de vinhos, pertencen-tes á conceituada firma d'esta praça Pereira da Costa & Irmão.

Esse homem que é como che-fe de familia, tão exemplar como no desempenho das suas fun-ções de operario, tem uma filha de 20 annos, aleijada, a quem que-

ria perdidamente, sendo talvez esse affecto mais profundo por causa da disformidade de que ella soffria.

Pois essa rapariga pagou ao pobre pae tantos desvelos e o mu-lto amor que lhe tinha, ausentan-do-se-lhe de casa, na quarta-feira de madrugada, indo recolher-se n'um collegio jesuitico estabele-cido de ha muito no mesmo lo-gar em que residia! Como acaba-mos de dizer, cousa alguma actua-va no espirito da ingrata para in-teressar essa fuga, que cobriu de profundo lucto o pobre pae. Evi-dentemente foi aconselhada por algum falso ministro da religião, que se compraz em esmagar pelo fanatismo e pelo terror as intelli-gencias simples e curtas, como a d'essa desgraçada.

Um ultimo pormenor, e tire-se do caso que vimos de contar o corollario que elle merece: a rapariga não fugiu de mãos espan-das; levou todos os objectos d'ou-ro e toda a roupa de que pôde munir-se. As religiosas que rece-beram a tresmalhada ovelha, qui-zeram talvez que ella fornecesse lá para a tosquia!

O que ali fica é a descripção simples que nos fez o pobre pae, contando-nos, com os olhos marejados de lagrimas, a sua desven-tura. Com esta, é a segunda filha que os propagandistas jesuiticos lhe sepultam viva n'aquelle covil!»

Taes são as obras do jesuitis-mo, d'esse bando de infamissimos roupetas. Nada os detem nos seus fins tetricos, nos seus dan-nados setignios! E os exemplos succedem-se com frequencia, são numerosos.

Ponham os olhos no caso pre-sente e vejam que dor não ha de ser a d'aquelle pobre pae, a quem os lobos devoradores roubaram o ente que elle mais estremeçia!

Agora até as aleijadas lhes ser-vem, contanto que tenham algu-ma cousa de seu!

E um governo que se diz li-beral consente e até protege es-candalosamente esta sucia de sal-teadores!

Em guarda contra a quadrilha, emquanto não chega a inquisi-ção.

A direcção das obras hydrau-licas foi auctorisada a começar com brevidade as obras de cons-trucção do caes da ponte de S. Gonçalo á Praça do Peixe.

Accusámos a recepção das se-guintes publicações, que muito agradecemos:

*Os Amores do Assassino*, por M. Jogand, illustrado com bellas gravuras e chromos a finissimas cores. Fasciculo n.º 17.—Editores, Belem & C., rua da Cruz de Pau, 26, Lisboa.

— *O Mundo Elegante*, magnifico jornal de modas. N.º 21, do 2.º anno.

— *As Doidas em Pariz*, por Xavier de Montepin, illustrado com primorosas gravuras e chro-mos a finissimas cores. Segunda edição. Caderneta n.º 27.—Edito-res, Belem & C., rua da Cruz de Pau, 26, Lisboa.

Na exposição que terá logar no Palacio da Industria, em Pariz, de 25 de julho até 25 de novem-bro, chamará a attenção dos visi-tantes, uma casa de aço, modelo de habitação commoda, hygienica e barata.

A casa consta de dois quartos de 35 metros quadrados.

Com uns 540\$000 réis poder-se-ha, com este systema, ser pro-prietario e ter alojamento con-veniente, sem contar a vantagem de poder mudar-se para onde qui-zer.

## A caridade publica

Carlos Massarico precisando de ir a Lisboa fazer operação aos olhos, por causa d'uma doença que o atacou na vista, implora a caridade das almas bemfazejas para que o soccorram com uma

esmola, visto não ter meios para se transportar áquella cidade.

As pessoas que desejarem con-correr para tão caridoso fim po-dem enviar as suas esmolas a esta redacção.

## Pomada Renault

As pessoas que soffrerem de doenças de pelle, escrophulas, syphilis, ulceras, erysipelas, etc., recommendamos o uso d'esta po-mada como remedio efficaz para as combater.

Veja-se o annuncio.

## CONTRA A DEBILIDADE

RECOMMENDAMOS o Vinho Nutri-tivo de Carne e a Farinha Peitoral Fer-ruginosa, da Pharmacia Franco-Filhos, por se acharem legalmente auctori-sados.

## ANNUNCIOS

## Genebra Moreira

CHAMA-SE a attenção dos srs. consu-midores para estas qualidades de genebra.

E' a mais barata, mais aromatica e estomacal até hoje conhecida.

Continúa a ter acolhimento geral em todo o paiz; tendo sido premiada nas duas ultimas exposições portuguezas de 1884 e 1887.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) de MO-REIRA & C.ª e a rolha com a fir-ma (*fac-simile*) dos fabricantes.



## Vinho Nutritivo de Carne

*Privilegiado, auctorisado pelo go-verno e approvedo pela junta consultiva de saude publica de Portugal e pela Inspectoria Ge-ral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro.*

É o melhor tonico nutritivo que se co-nhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia de-senvolve-se rapidamente o apetite, en-riquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e la-boriosas, a dispepsia, cardialgia, gas-tro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescência de todas as doen-ças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas mu-ito debeis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachi-nhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; pre-para o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o re-tracto do auctor e o nome em peque-nos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes phar-macias de Portugal e do estrangeiro. De-posito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ri-beiro Junior.

## Pomada Curativa Vegetal RENAULT

ESTA pomada é já conhecida por milhares de pessoas como o remedio mais efficaz para curar radicalmente escrophulas, ulceras antigas, varizes, cancores mesmo depois de ulcerados, syphilis, ery-sipelas, escoriações, doenças de pelle, frouxidão de nervos e todas as feridas ou inflammações. Pro-va-se com attestados o bom re-sultado. Unico representante em Portugal, José Maria Carreira, rua das Gaveas, 71, 1.º, Lisboa.

Preço 400 réis, pelo correio 425; remette-se a quem enviar a sua importancia.

# GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

ACABA DE FAZER UMA GRANDE BAIXA DE PREÇOS

NAS SUAS TÃO ACREDITADAS E SEM RIVAL

**MACHINAS PARA COSER**

Novo estojo gratis para fazer trabalhos de phantasia

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

AS SEM RIVAL MACHINAS

**SINGER**

ACHAM-SE Á VENDA EM AVEIRO

75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79

AVEIRO

**SINGER**

POR 500 REIS SEMANAES  
COM GRANDES DESCONTOS A PROMPTO PAGAMENTO

ADQUIREM-SE AS

MACHINAS PARA COSER

SINGER

com ensino gratis e illimitado em casa do comprador

CONCERTOS GRATIS!

GARANTIA ILLIMITADA

BORDADOS A ALTO RELEVO FEITOS COM LA

EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO TEM SUCCURSAES

A COMPANHIA FABRIL SINGER

que nas provincias e de 1\$500 réis por um anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no «Diario do Governo» de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista Antonio Ignacio da Fonseca promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para revender.

Pedidos ao CAMBISTA

Antonio Ignacio da Fonseca

56, RUA DO ARSENAL, 64

LISBOA

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prégio d'arame, etc.

DEPOSITO AMERICANO

Apparelhos, Utencilios e Implementos Domesticos, Agricolas e Industriaes.

Agencia e Casa Introdutora de Artigos especiaes de Norte-America.

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 127, PORTO.

REZ-DO-CHÃO.

BOMBAS

HYDRAULICAS

De POÇO, CYSTERNA &c.

ARAME

“CERCA-ESPINHO”  
Para vedar gado, &c.

GRANDE DEPOSITO DE

TUBOS DE FERRO

zincados e pretos para

CANALIZAÇÕES.

Tubos de Borracha

(CAUCHOC).

FOGÕES

CULINARIOS.

ESTUFAS DE SALA.

LOUÇAS DE FERRO

“AGATE”

Para serviços de cozinha e mesa, &c.

ARADOS.

Debulhadoras de Milho.

PRENÇAS

Para Fructas e Drogas.

E OUTROS ESPECIALIDADES, &c.

MOTORES A VENTO

(ou Moinhos de Vento)—TUBBINA DE FERRO—systema o mais economico possivel para elevar agua a qualquer distancia.

MACHINAS E ARTIFICIOS DIVERSOS POR ENCOMMENDA.

Accita-se ORDENS para os Estados Unidos da America, e para Inglaterra

ESCRITORIO, 2.º andar, HERBERT CASSELS, Agente,  
127, MOUSINHO DA SILVEIRA, PORTO.

(Telefone N.º 250.)

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituente e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarelltos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drograria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.



AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA

PARA, MARANHÃO, CEARA' E MANAUS

PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS E RIO GRANDE DO SUL

Preços sem competencia

Passagens de 3.ª classe a 25\$000 réis

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23, com o correspondente

Manuel José Soares dos Reis.

ATTENÇÃO. — O annunciante encarrega-se da liquidação de heranças e quaesquer outros negocios em todo o imperio do Brazil, mediante modica commissão.



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços barattimos.

REMEDIOS DE AYER

**Peitoral de cereja de Ayer**  
—O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

**Extracto composto de sal-saparrilha de Ayer**—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

**O remedio de Ayer contra as sezões**—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

**Pilulas catharticas de Ayer**  
—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



VIGOR DO CABELLO DE AYER — Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's



E' um agradavel e saudavel REFRESCO. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. E' baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua.

Os agentes JAMES CASSELS & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, 127, L.ª, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

**Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES.**  
para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas.  
Vende-se nas principaes pharmacias e drograrias. Preço, 240 réis.

## LOTERIAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, com casa de cambio na rua do Arsenal, 56 a 64, LISBOA, e filial no PORTO, Feira de S. Bento, 33 a 35, faz sciente o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

Satisfaz todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

Erva em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos particulares.

Os commerciantes que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á vespera de se effectuar o sorteio. **E' negocio em que ha tudo a ganhar e nada a perder!**

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maiores de réis 8:000\$000.

Bilhetes a 4\$800 réis; meios bilhetes a 2\$40; quartos a 1\$200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 39 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, têm de tirar uma licença